

PAULO COELHO

O ALEPH



O REI DO MEU REINO

NÃO!

De novo um ritual? De novo invocar as forças invisíveis para que se manifestem no mundo visível? O que tem isso que ver com o mundo em que vivemos hoje? Os jovens saem da universidade e não arranjam emprego. Os velhos chegam à reforma sem terem dinheiro para nada. Os adultos não têm tempo de sonhar — lutam das oito da manhã às cinco da tarde para sustentar a família, pagar o colégio dos filhos, enfrentando aquilo que todos nós conhecemos pelo nome resumido de «dura realidade».

O mundo nunca esteve tão dividido como agora: guerras religiosas, genocídios, falta de respeito pelo planeta, crises económicas, depressão, pobreza. Todos em busca de resultados imediatos para resolver pelo menos alguns dos problemas do mundo ou da sua vida pessoal. E as coisas parecem mais negras à medida que avançamos em direção ao futuro.

E eu aqui, a querer seguir em frente com uma tradição espiritual cujas raízes se encontram num passado remoto, longe de todos os desafios do momento presente...?

JUNTAMENTE COM J., A QUEM CHAMO DE MEU MESTRE, embora comece a ter dúvidas a esse respeito, caminho em direção ao

carvalho sagrado, que está ali há mais de quinhentos anos, contemplando impassível as agonias humanas; a sua única preocupação é entregar as folhas ao inverno e recuperá-las de novo na primavera.

Não aguento mais escrever sobre a minha relação com J., o meu guia na Tradição. Tenho dezenas de diários cheios de anotações das nossas conversas, que nunca releio. Desde que o conheci em Amesterdão, em 1982, aprendi e desaprendi a viver uma centena de vezes. Quando J. me ensina algo novo, acho sempre que talvez ali esteja o passo que falta para chegar ao cume da montanha, a nota que justifica uma sinfonia inteira, a letra que resume o livro. Passo por um período de euforia, que aos poucos vai desaparecendo. Algumas coisas ficam para sempre, mas a maioria dos exercícios, das práticas, dos ensinamentos acaba por desaparecer num buraco negro. Ou, pelo menos, assim parece.

O CHÃO ESTÁ MOLHADO, IMAGINO QUE OS MEUS TÊNIS tão meticulosamente lavados dois dias antes estarão de novo cheios de lama daqui a mais alguns passos — independentemente do cuidado que possa ter. A minha busca por sabedoria, paz de espírito e consciência das realidades visíveis e invisíveis já se transformou em rotina e deixou de dar resultado. Quando tinha 22 anos, comecei a dedicar-me à aprendizagem de magia. Passei por diversos caminhos, andei à beira do abismo durante anos importantes, escorreguei e caí, desisti e voltei. Imaginava que, quando chegasse aos 59 anos, estaria perto do paraíso e da tranquilidade absoluta que penso ver nos sorrisos dos monges budistas.

Pelo contrário, parece que estou mais distante que nunca. Não estou em paz; uma vez por outra entro em grandes

conflitos comigo mesmo, que podem durar meses. E os momentos em que mergulho na percepção de uma realidade mágica duram apenas alguns segundos. O suficiente para saber que este outro mundo existe, e o bastante para me deixar frustrado por não conseguir absorver tudo o que aprendo.

Chegámos.

Quando acabar o ritual, irei conversar a sério com ele. Ambos colocamos as mãos no tronco do carvalho sagrado.

J. DIZ UMA PRECE SUFI:

«Ó Deus, quando presto atenção às vozes dos animais, ao ruído das árvores, ao murmúrio das águas, ao gorjeio dos pássaros, ao zunido do vento ou ao estrondo do trovão, percebo neles um testemunho da Tua unidade; sinto que Tu és o supremo poder, a onisciência, a suprema sabedoria, a suprema justiça.

Ó Deus, reconheço-Te nas provas por que estou a passar. Permite, ó Deus, que a Tua satisfação seja a minha satisfação. Que eu seja a Tua alegria, aquela alegria que um Pai sente por um filho. E que eu me lembre de Ti com tranquilidade e determinação, mesmo quando é difícil dizer que Te amo.»

Geralmente, neste momento eu sentiria — por uma fração de segundo, mas era quanto bastava — a Presença Única que move o Sol e a Terra, e mantém as estrelas no lugar. Mas hoje não estou com vontade de conversar com o Universo; basta que o homem ao meu lado me dê as respostas de que estou a precisar.

ELE RETIRA AS MÃOS DO TRONCO DO CARVALHO, e eu faço a mesma coisa. Sorri para mim, e eu sorrio de volta. Dirigimo-nos,

em silêncio e sem pressa, para minha casa, sentamo-nos na varanda e tomamos um café, ainda calados.

Contemplo a gigantesca árvore no centro do meu jardim, com a fita à volta do seu tronco, colocada ali depois de um sonho. Estou no vilarejo de Saint-Martin, nos Pirenéus franceses, numa casa que já me arrependi de ter comprado; ela acabou por me possuir, exigindo a minha presença sempre que possível, porque precisa de alguém para cuidar dela, para manter a sua energia viva.

— Já não consigo evoluir — digo, caindo como sempre na armadilha de falar primeiro. — Acho que cheguei ao meu limite.

— Que interessante. Eu sempre tentei descobrir os meus limites e até agora não consegui lá chegar. Mas o meu universo não é lá muito cooperativo, está sempre a crescer e não me ajuda a conhecê-lo por inteiro — responde J., provocando-me.

Ele está a ser irónico. Mas eu continuo.

— O que vieste fazer aqui hoje? Tentar convencer-me de que estou errado, como sempre. Diz o que quiseres, mas fica sabendo que não vão ser palavras que vão mudar alguma coisa. Não estou bem.

— Foi exatamente por isso que vim aqui hoje. Presenti o que estava a acontecer há já algum tempo. Mas há sempre um momento certo para agir — afirma J., pegando numa pera que estava em cima da mesa e girando-a nas suas mãos. — Se tivéssemos conversado antes, ainda não estarias maduro. Se conversássemos depois, já terias apodrecido. — Dá uma dentada na peça de fruta, saboreando-a. — Perfeito. O momento certo.

— Tenho muitas dúvidas. E as maiores são as dúvidas que tenho em relação à minha fé — insisto.

— Ótimo. É a dúvida que impele o homem a avançar.

Como sempre, boas respostas e boas imagens, mas hoje elas não estão a funcionar.

— Vou dizer-te o que sentes — continua J. — Sentes que tudo o que aprendeste não criou raízes, que és capaz de mergulhar no universo mágico, mas não consegues ficar submerso nele. Que provavelmente tudo isto não passa de uma grande fantasia criada pelo ser humano para afastar o medo que tem da morte.

As minhas questões são mais profundas: são dúvidas de fé. Tenho uma única certeza: existe um universo paralelo, espiritual, que interfere neste mundo em que vivemos. Fora isso, tudo o resto — livros sagrados, revelações, guias, manuais, cerimónias —, tudo me parece absurdo. E, o que é pior, sem efeitos duradouros.

— Vou dizer-te o que já senti — continua J. — Quando era jovem, ficava deslumbrado com todas as coisas que a vida me podia oferecer. Achava que poderia conseguir cada uma delas. Quando me casei, tive de escolher apenas um caminho, porque precisava de sustentar a mulher que amo e os meus filhos. Aos 45 anos, depois de me tornar um executivo muito bem-sucedido, vi os meus filhos crescerem e saírem de casa e, a partir daí, achei que tudo seria uma repetição do que já tinha experimentado.

»Foi aí que a minha busca espiritual começou. Sou um homem disciplinado e dediquei-me a ela com toda a energia. Passei por períodos de entusiasmo e de descrença até que cheguei ao momento que estás a viver hoje.

— J., apesar de todos os meus esforços, não consigo dizer: «Estou mais perto de Deus e de mim mesmo» — afirmo, com alguma exasperação.

— Isso acontece porque tu, tal como todas as outras pessoas do planeta, acreditaste que o tempo te iria ensinar

a aproximares-te de Deus. Mas o tempo não ensina; ele apenas nos traz a sensação de cansaço, de envelhecimento.

O carvalho agora parecia estar a olhar para mim. Devia ter mais de quatro séculos, e tudo o que havia aprendido fora a permanecer no mesmo sítio.

— Porque é que fomos fazer um ritual à volta do carvalho? Em que é que isso ajuda a que nos tornemos seres humanos melhores?

— Porque as pessoas já não fazem rituais à volta de carvalhos. E, agindo de uma maneira que pode parecer absurda, tocas nas profundezas da tua alma, na tua parte mais antiga, mais próxima da origem de tudo.

É verdade. Eu perguntei aquilo que sabia e recebi a resposta que esperava. Tenho de aproveitar melhor cada minuto junto dele.

— Está na hora de sair daqui — diz J., de forma abrupta. Olho para o relógio. Explico que o aeroporto fica perto, poderíamos continuar a conversar mais algum tempo.

— Não me estou a referir a isso. Quando passei pelo que estás a viver, encontrei a resposta em algo que aconteceu antes de eu nascer. É o que estou a sugerir que faças.

Reencarnação? Ele sempre desencorajara visitas às minhas vidas passadas.

— Já fui ao passado. Aprendi por mim mesmo, antes de te conhecer. Conversámos sobre isso; vi duas encarnações: um escritor francês no século XIX e um...

— Sim, eu sei.

— Cometi erros que não posso remediar agora. E tu disseste-me que não voltasse a fazer isso, pois só iria aumentar a minha culpa. Viajar a vidas passadas é como abrir um buraco no solo e deixar que o fogo do andar de baixo incendeie o presente.

J. atira o que sobrou da sua pera aos pássaros no jardim e olha para mim, irritado:

— Não digas disparates, por favor. Não me faças acreditar que realmente tens razão e que não aprendeste nada durante os vinte e quatro anos que passámos juntos.

Sim, eu sei do que ele está a falar. Na magia — e na vida — existe apenas o momento presente, o AGORA. O tempo não se mede da mesma maneira que se calcula a distância entre dois pontos. O «tempo» não passa. O ser humano tem uma gigantesca dificuldade em concentrar-se no presente; está sempre a pensar no que fez, em como poderia ter feito melhor, quais as consequências dos seus atos, porque não agiu como deveria ter agido. Ou então preocupa-se com o futuro, o que vai fazer amanhã, que providências devem ser tomadas, qual o perigo que o espera à esquina, como evitar o que não deseja e como conseguir aquilo com que sempre sonhou.

J. retoma a conversa.

— Portanto, aqui e agora começas a perguntar-te: existe realmente algo errado? Sim, existe. Mas neste momento tu também compreendes que podes mudar o teu futuro trazendo o passado para o presente. Passado e futuro existem apenas na nossa memória.

»Mas o momento presente está para além do tempo: é a Eternidade. Os Indianos usam a palavra «karma», à falta de algo melhor. Mas o conceito está mal explicado: não é o que fizeste na tua vida passada que vai afetar o presente. É o que fazes no presente que redimirá o passado e logicamente mudará o futuro.

— Ou seja...

Ele faz uma pausa, cada vez mais irritado por eu não conseguir compreender o que me tentava explicar.

— Não adianta ficar aqui a usar palavras que não querem dizer nada. Vai experimentar. Está na hora de *tu* saíres

daqui. Reconquistar o teu reino, agora corrompido pela rotina. Chega de repetir sempre a mesma lição, não é isso que te fará aprender algo novo.

— Não se trata de rotina. Estou infeliz.

— O nome disso é rotina. Achas que existes porque estás infeliz. Algumas pessoas existem em função dos seus problemas e passam o tempo a falar compulsivamente a respeito deles: problemas com os filhos, o marido, a escola, o trabalho, os amigos. Não param para pensar: eu estou aqui. Sou resultado de tudo o que aconteceu e acontecerá, mas estou aqui. Se fiz algo de errado, posso corrigi-lo ou pelo menos pedir perdão. Se fiz algo certo, isso deixa-me mais feliz e ligado ao agora.

J. respirou fundo antes de completar:

— Já não estás aqui. Está na hora de saíres para voltares de novo ao presente.

ERA O QUE EU TEMIA. HÁ ALGUM TEMPO QUE ELE vinha dando a entender que estava na hora de me dedicar ao terceiro caminho sagrado. Entretanto, a minha vida tinha mudado muito desde o longínquo ano de 1986, quando a peregrinação a Santiago de Compostela me levava a encarar o meu próprio destino, ou o «projeto de Deus». Três anos mais tarde percorri o Caminho de Roma, na região onde estávamos agora, um processo doloroso, entediante, que me obrigou a passar setenta dias a fazer na manhã seguinte todos os absurdos com que sonhara na noite anterior (lembro-me de ter ficado quatro horas numa paragem de autocarro, sem que nada de importante acontecesse).

Desde então, havia obedecido com disciplina a tudo o que o meu trabalho exigisse que eu fizesse. Afinal de contas, era a minha escolha e a minha bênção. Ou seja, passei a viajar

como um louco. As grandes lições que aprendi foram justamente aquelas que as viagens me ensinaram.

Melhor dizendo, sempre viajei como um louco, desde jovem. Mas, recentemente, parecia que estava a viver em aeroportos e hotéis — e o sentido da aventura estava a dar lugar a um profundo tédio. Quando me queixava de que não conseguia ficar muito tempo num único sítio, as pessoas espantavam-se: «Mas viajar é tão bom! Eu só tenho pena de não ter dinheiro para isso!»

Viajar nunca é uma questão de dinheiro, mas de coragem. Passei grande parte da minha vida a correr o mundo como *hippie*: que dinheiro tinha eu nessa época? Nenhum. Mal dava para pagar as passagens, mas mesmo assim acredito que foram alguns dos melhores anos da minha juventude — a comer mal, a dormir em estações de comboios, incapaz de comunicar por causa da língua, vendo-me obrigado a depender dos outros até para encontrar um abrigo onde passar a noite.

Depois de muito tempo na estrada, a ouvir uma língua que não compreende, a usar um dinheiro cujo valor não conhece, a caminhar por ruas por onde nunca passou antes, uma pessoa descobre que o seu antigo Eu, com tudo o que aprendeu, é absolutamente inútil perante esses novos desafios — e começa a perceber que, enterrado lá no fundo do seu inconsciente, existe alguém muito mais interessante, aventureiro, aberto ao mundo e a experiências novas.

Mas chega um determinado dia em que diz: «Basta!»

— Basta! Para mim, viajar transformou-se numa monótona rotina.

— Não, não basta. Nunca vai bastar — insiste J. — A nossa vida é uma constante viagem, desde o nascimento até à morte. A paisagem muda, as pessoas mudam, as necessidades

transformam-se, mas o comboio avança. A vida é o comboio, não a estação do comboio. E o que tens feito agora não é viajar, mas mudar de países, o que é completamente diferente.

Abanei a cabeça.

— Não vai ajudar. Se tenho de corrigir um erro que cometi noutra vida, e estou profundamente consciente desse erro, posso fazê-lo aqui mesmo. Naquele calabouço eu apenas obedecia às ordens de alguém que parecia conhecer os desígnios de Deus: a ti.

»Além do mais, já encontrei pelo menos quatro pessoas a quem pedi perdão.

— Mas não descobriste a maldição que foi lançada.

— Tu também foste amaldiçoado na mesma época. E descobriste?

— Descobri a minha. E, posso garantir-te, foi muito mais dura que a tua. Tu foste cobarde uma vez, enquanto eu fui injusto muitas vezes. Mas isso libertou-me.

— Se tenho de viajar no tempo, porque é que é necessário viajar no espaço?

J. riu-se.

— Porque há sempre uma possibilidade de redenção para todos nós, mas, para isso, precisamos de encontrar as pessoas a quem fizemos mal e pedir-lhes perdão.

— E para onde vou? Para Jerusalém?

— Não sei. Para onde tu te comprometeres a ir. Descobre o que deixaste incompleto e termina a obra. Deus guiar-te-á, porque no aqui e agora está tudo o que viveste e viverás. O mundo está neste momento a ser criado e destruído. Quem encontraste voltará a aparecer, quem deixaste partir haverá de voltar. Não trarias as graças que te foram concedidas. Compreende o que se passa contigo, e saberás o que se passa com toda a gente.

»Não penses que vim trazer a paz. Vim trazer a espada.

A CHUVA FAZ-ME TREMER de frio, e o meu primeiro pensamento é: «Vou ficar engripado.» Consolo-me a pensar que todos os médicos que conheci dizem que a gripe é provocada por um vírus, não por gotas de água.

Não consigo estar aqui e agora; a minha cabeça é um completo remoinho: aonde devo chegar? Aonde devo ir? E se for incapaz de reconhecer as pessoas no meu caminho? Isso com certeza já aconteceu outras vezes, e voltará a acontecer — caso contrário, a minha alma já estaria em paz.

Há cinquenta e nove anos a conviver comigo mesmo, conheço algumas das minhas reações. No início da nossa relação, a palavra de J. parecia inspirada por uma luz muito mais forte que ele. Eu aceitava tudo sem perguntar uma segunda vez, avançava sem medo e nunca me arrependi de o ter feito. Mas o tempo foi passando, a convivência aumentou e, com ela, veio o hábito. Embora nunca me tenha dececionado com o que quer que seja, já não conseguia vê-lo da mesma forma. Mesmo que por obrigação — aceite voluntariamente em setembro de 1992, dez anos depois de o ter conhecido — tivesse de obedecer ao que me dizia, já não o fazia com a mesma convicção de antes.

Estou errado. Se escolhi seguir essa Tradição mágica, não devia estar a ter este tipo de dúvidas agora. Sou livre de a abandonar quando quiser, mas algo me impele para a frente. Não há dúvida de que ele está certo, entretanto eu conformei-me com a vida que levo e não preciso de mais desafios. Apenas de paz.

Deveria ser um homem feliz: sou bem-sucedido na minha profissão, uma das mais difíceis do mundo; estou casado há vinte e sete anos com a mulher que amo; gozo de boa saúde; vivo rodeado de gente em quem posso confiar; recebo sempre o carinho dos meus leitores quando os encontro na rua. Houve um momento em que isso bastava, mas nestes dois últimos anos nada parece satisfazer-me.

Será que se trata apenas de um conflito passageiro? Não basta fazer as orações habituais, respeitar a natureza como a voz de Deus e contemplar o que há de belo ao meu redor? Para quê desejar avançar mais, se estou convencido de que cheguei ao meu limite?

PORQUE NÃO POSSO SER COMO OS MEUS AMIGOS?

A chuva cai cada vez com mais intensidade, e eu não ouço nada além do barulho da água. Estou ensopado e não consigo mover-me. Não quero sair daqui porque não sei aonde ir, estou perdido. J. tem razão: se realmente tivesse chegado ao limite, esta sensação de culpa e frustração já teria passado. Mas ela continua. Temor e tremor. Quando a insatisfação não desaparece, é porque Deus ali a colocou com uma única razão: é preciso mudar tudo, caminhar em frente.

Já vivi isto antes. Quando me recusava a seguir o meu destino, alguma coisa muito difícil de suportar acontecia na minha vida. E esse é o meu grande temor neste momento: a tragédia. A tragédia é uma mudança radical nas nossas vidas, sempre ligada ao mesmo princípio: a perda. Quando estamos diante de uma perda, não adianta tentar recuperar o que já se foi, é melhor aproveitar o grande espaço aberto e preenchê-lo com algo novo. Teoricamente, as perdas são sempre para nosso bem; na prática, é quando questionamos a existência de Deus e nos perguntamos: eu mereço isto?

Senhor, poupa-me à tragédia, e eu seguirei os Teus desígnios.

Quando termino estes meus pensamentos, um trovão rebenta e o céu ilumina-se com a luz do raio.

De novo, temor e tremor. Um sinal. Eu aqui a tentar convencer-me de que dou sempre o melhor de mim e a natureza a dizer-me exatamente o oposto: quem está realmente comprometido com a vida nunca para de caminhar. Céu e terra neste momento confrontam-se numa tempestade que, ao

passar, irá deixar o ar mais puro e os campos férteis — mas até lá casas serão deitadas abaixo, árvores centenárias tombarão, lugares paradisíacos ficarão inundados.

Um vulto amarelo aproxima-se.

Eu entrego-me à chuva. Outros raios estão a cair, enquanto a sensação de desamparo vai sendo substituída por algo positivo — como se a minha alma estivesse a ser lavada com a água do perdão.

«*Abençoa e serás abençoado.*»

As palavras saíram naturalmente de dentro de mim — a sabedoria que desconheço ter, que sei que não me pertence, mas que às vezes se manifesta e não me deixa duvidar de tudo o que aprendi durante todos estes anos.

O meu grande problema é este: apesar destes momentos, eu continuo a duvidar.

O vulto amarelo está diante de mim. É a minha mulher, com uma das capas berrantes que usamos quando vamos passear por lugares de difícil acesso nas montanhas; se nos perdermos, será fácil localizarem-nos.

— Esqueceste-te de que temos um jantar.

Não, não me esqueci. Saio da metafísica universal onde trovões são vozes de deuses e volto à realidade da cidade do interior, o bom vinho, o carneiro assado, a conversa alegre com os amigos que nos contarão as suas aventuras numa recente viagem de *Harley-Davidson*. De volta a casa para mudar de roupa, resumo em poucas frases a conversa com J. naquela tarde.

— E ele disse-te aonde terias de ir? — pergunta a minha mulher.

— «Compromete-te», disse-me ele.

— E isso é difícil? Deixa de ser rabugento. Estás a parecer mais velho do que já és.

HERVÉ E VERONIQUE têm mais outros dois convidados, um casal de franceses de meia-idade. Um deles é-me apresentado como um «vidente» que conheceram em Marrocos.

O homem não parece nem muito simpático nem muito antipático, apenas ausente. Entretanto, a meio do jantar, como se tivesse entrado numa espécie de transe, diz para Veronique:

— Cuidado com o carro. Vai sofrer um acidente.

Eu acho aquilo de péssimo gosto, porque, se Veronique o levar a sério, o medo acabará por atrair energia negativa e as coisas podem realmente acontecer como o previsto.

— Que interessante! — digo antes que alguém possa reagir.

»Eu não duvido que seja capaz de caminhar no tempo, em direção ao passado ou ao futuro. Estive justamente a conversar sobre isso com um amigo esta tarde.

— Consigo ver. Quando Deus permite, consigo ver. Sei quem foi, quem é e quem será cada uma das pessoas que estão sentadas aqui nesta mesa. Não compreendo o meu dom, mas aceitei-o há muito tempo.

A conversa deveria ser sobre a viagem à Sicília com amigos que partilham a mesma paixão pelas clássicas *Harley-Davidson*; de repente, parece perigosamente próxima de coisas que não quero ouvir agora. Sincronicidade absoluta.

É a minha vez de falar:

— Também sabe que Deus só nos permite ver isso quando deseja que alguma coisa seja mudada.

Viro-me então para Veronique e digo:

— Apenas deves ter cuidado. Quando uma coisa do plano astral é colocada neste plano, perde grande parte da sua força. Ou seja, tenho quase a certeza de que isso não vai acontecer.

Veronique oferece mais vinho a todos. Ela acha que eu e o vidente de Marrocos entrámos em rota de colisão. Não

é verdade; aquele homem realmente «vê» e isso assusta-me. Depois conversarei com Hervé sobre o assunto.

O homem limita-se a encarar-me — continua com o ar ausente de quem entrou numa dimensão sem pedir, mas que agora tem o dever de comunicar o que está a sentir. Quer contar-me algo, mas prefere virar-se para a minha mulher:

— A alma da Turquia entregará ao seu marido todo o amor que possui. Mas irá derramar o sangue dele antes de revelar o que procura.

Mais um sinal a confirmar que não devo viajar agora, penso, ciente de que procuramos interpretar todas as coisas de acordo com aquilo que queremos, e não como elas são.